

RITUAL NARRATIVO E EXCLUSÃO: a história de vida pelo corpo discursivizado em série memorialista da *Rede Globo*

NARRATIVE RITUAL AND EXCLUSION: the life story by the discursivized body in *Rede Globo's* memorial series

RITUAL NARRATIVO Y EXCLUSIÓN: la historia de vida por el cuerpo discursivizado en serie memorialista de la *Rede Globo*

Duílio Fabbri Júnior

Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (Americana, SP) e do Centro Universitário Anchieta (Jundiaí, SP).

juniorduilio@uol.com.br



0000-0002-9408-7754

Endereço para correspondência: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, campus Americana. Avenida de Cillo, 3.500, Parque Novo Mundo, Americana, SP, CEP: 13467-600

Recebido: 05.03.2020

Aceito: 05.05.2020

Publicado: 31.08.2020.

RESUMO:

O objetivo deste artigo é uma análise sobre o ritual de apresentação dos jornalistas-testemunhas, na narrativa da série "especial" em comemoração pelos 50 anos da Rede Globo, no Jornal Nacional, em abril de 2015. Para isso, usamos como autores Michel Foucault e Paul Ricoeur para as bases de discurso, ritual, memória e história. A intenção é refletir sobre uma correlação funcional entre dois campos do conhecimento – Linguística e História – para a análise de práticas discursivo-narrativas, tendo como base a produção de sentidos sobre o corpo dos jornalistas. Também será investigada a subjetivação do sujeito em suas relações com si próprio e/ou com o exterior na forma de constituir-se. O corpo teórico metodológico é a análise de discurso. As reflexões levam a crer que o corpo não é outra coisa a não ser resistência e poder.

PALAVRAS-CHAVE: *Rede Globo*; série; *Jornal Nacional*; corpo; discurso.

Introdução

Este trabalho é parte de uma análise a respeito de uma série comemorativa realizada pela *Rede Globo* para comemorar os 50 anos da emissora, exibida no *Jornal Nacional (JN)*, em abril de 2015, realizada na tese de doutorado “‘Nós fizemos uma eleição...’: regularidades e rememorações de erros pelas lentes da *Rede Globo*”, defendida em 2019, no Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), sob orientação da professora doutora Vanice Sargentini.

Recortamos aqui o processo de apresentação dos repórteres que, selecionados entre os mais antigos da história da emissora, participaram da série, comentando reportagens e coberturas que fizeram parte da história oficial do jornalismo da *Rede Globo*. Ao todo, 16 repórteres foram selecionados e, no primeiro dia da série, que contou com cinco episódios, eles foram apresentados, a partir de breves dados biográficos, que ajudaram a referendar a importância de tal participação na estrutura memorialística criada.

Os repórteres foram apresentados pelo apresentador e diretor do projeto, o jornalista e editor-chefe do *JN*, William Bonner, escolhido pela presidência e direção do grupo, não só como a voz oficial para conduzir o projeto como o discurso competente consolidado, no qual os locutores já foram legitimados e reconhecidos como tendo o direito de falar (CHAUÍ, 2011). Bonner, nesse caso, encarna um lugar e uma circunstância predeterminada para falar e ouvir e, enfim, o conteúdo e a forma já foram autorizados segundo os cânones da esfera de sua própria competência.

Neste trabalho, nossa análise da narrativa recai especialmente sobre as descrições feitas sobre os jornalistas que participaram da série especial, à medida que elas os inserem na memória oficializada da emissora, assumindo também o caráter de ritual, no sentido atribuído para a noção por Foucault ([1971] 2005). Os rituais, ou seja, as normas e as regras, definem a posição que um indivíduo deve ocupar em uma mediação, provocação ou respostas e, conseqüentemente, os enunciados que devem produzir e o comportamento esperado para tal. É nesse sentido que relacionamos essa noção com a de narrativa, pois ao criar uma sequência com que um personagem é apresentado, materializam-se as posições a serem ocupadas pelos sujeitos, na rede política de sentidos produzida pela emissora para contar sua história oficial.

O ritual, conforme Foucault ([1971] 2005), é um dos procedimentos de imposição de regras ao sujeito do discurso, atuando também como um limitador de

acessos a esses discursos. Como a narrativa é um processo político-ideológico, ela se constitui a partir de rituais de construção de personagens ou fatos, conforme vamos demonstrar na análise realizada neste trabalho. Isso posto, focalizamos os personagens – e os recortes das histórias de vida realizados – para inclusão na narrativa oficial da emissora sobre sua trajetória.

Durante a apresentação desses jornalistas, foram citadas diversas características corporais, sujeitas às modificações pelo tempo, como foi enfatizado por Bonner, conforme veremos. Nesse sentido, analisaremos de que forma a descrição sobre o corpo passa a fazer parte do ritual, num exercício de produção de sentidos sobre testemunho da história e sobre exclusão.

O testemunho colocado em cena

No dia 20 de abril de 2015, teve início a série comemorativa pelos 50 anos da *Rede Globo*, que ocupou durante toda a semana uma parte do *Jornal Nacional*. Para introduzir a produção, a apresentadora Renata Vasconcelos leu uma cabeça em que dizia que “para representar os milhares de profissionais que construíram o jornalismo da *Globo* em cinco décadas, **nós** reunimos 16 repórteres para dividirem experiências, lembranças, informações de bastidores e **a emoção que tudo isso junto pode provocar.**”

Percebe-se, já de início, uma tentativa de colocar o jornalista como personagem em um exercício de memória, concedendo a ele a possibilidade da demonstração da subjetividade (“a emoção que tudo isso junto pode provocar”), ou seja, há uma evidência textual de que a abordagem feita e o papel que os jornalistas iriam desenvolver seriam outros, distintos da roupagem de objetividade que se constitui como um pré-construído para a atividade jornalística. Nesse ponto, perguntamo-nos o que, desse lugar de novo e de “emoção”, é possível inscrever-se na narrativa sobre esses personagens e sobre os fatos que podem relatar.

Por mais que se pretenda fazer Jornalismo e História, o caráter comemorativo é evidenciado por uma subjetividade¹ e identificação que se busca atingir pela “emoção que tudo isso junto pode provocar”. Inversamente a essa questão da subjetividade e da emoção, por princípio, o Jornalismo propõe-se a trabalhar com a objetividade. Como ressalta Rosen (2000, p. 40), o Jornalismo “é o último refúgio da objetividade como

¹ Subjetividade que aqui se refere não à identificação com o sujeito como categoria ontologicamente invariável, mas a modos de agir, a processos de subjetivação modificáveis e plurais. Nesse sentido é que também Foucault entende a constituição do sujeito antigo como ultrapassagem de si.

epistemologia. Já mais ninguém leva a sério esse conceito. Nem mesmo nas Ciências Naturais a procura da verdade é vista dessa maneira”.

No enunciado de Renata Vasconcelos, é como se a série, ao colocar-se como especial, fizesse uma concessão a esse pilar da forma de enunciar jornalística. A comemoração e o espaço do “especial” abrem esse espaço para a “emoção”. Após a cabeça lida pela apresentadora Renata Vasconcelos, teve início a transmissão da série, em cenário especialmente criado para isso, com apresentação de William Bonner, que aparecia no centro da cena, com 16 repórteres acomodados em um bancada, em torno do logotipo da emissora, conforme mostra a Figura 1:

Figura 1: Cenário da série comemorativa pelos 50 anos da *Rede Globo*



Fonte: captura de tela feita pelo autor².

Na abertura, Bonner, em trajes informais (sem o terno com o qual apresenta o telejornal), enuncia:

É nesse estúdio do Projac³, no Rio de Janeiro, montado especialmente para este encontro, que nós vamos fazer esse mergulho nos 50 anos de história do Jornalismo. Quem vai nos ajudar, a recontar um dos momentos mais importantes dessa história, tá aqui com a gente, são os nossos colegas jornalistas.

Ele passa, então, a andar pela arena do cenário, apresentando os colegas. A cada apresentação, uma foto antiga do jornalista de que fala, é projetada em telões dispostos no cenário.

² Todas as imagens que compõem este trabalho foram capturadas em 18 mar. 2018, em vídeo disponível em: www.memoriaglobo.globo.com.

³ É nome dado pela emissora ao complexo onde estão localizados os estúdios, cenários de novelas e programas da *Globo*, no Rio de Janeiro.

Nessa apresentação, Bonner usa a capacidade de adequar o discurso às situações concretas com uma destreza comunicativa esperada de um jornalista, faz uso da informalidade, que os falantes utilizam entre amigos e familiares, em que a preocupação com a correção gramatical é menor e o vocabulário utilizado é mais simples, incluindo palavras e expressões coloquiais, diferente de como os telespectadores assíduos estão acostumados a ver na bancada do *JN* durante a apresentação de notícias e reportagens. Essa informalidade confere ao discurso efeito de espontaneidade. Quando se é espontâneo, pela memória, contribui-se para o efeito de verdade nos enunciados colocados em circulação.

De acordo com Foucault ([1971] 2005), os rituais, ou seja, as normas e as regras, definem a posição que um indivíduo deve ocupar em uma mediação, provocação ou respostas e, conseqüentemente, os enunciados que devem produzir e o comportamento esperado para tal. Quem mais poderia representar a voz da Globo do que o âncora casado (na época da exibição da série em 2015, Bonner e Fátima Bernardes, partner de bancada, eram casados), pai de três filhos, branco, hétero, com imagem de trabalhador construída pela mídia, apresentador das “principais notícias” do Brasil e do mundo?

Passemos agora à apresentação dos autores das reportagens, os jornalistas presentes no estúdio, como testemunhas que vão auxiliar o âncora a recontar os fatos selecionados como principais para/no jornalismo da *Rede Globo*.

Para essa reconstrução de memória se dar, é necessário considerar que o testemunho⁴, segundo a teoria ricoeuriana, pode ser entendido como um ponto de inflexão no tangenciamento entre o que é memória e o que é história. De fato, uma das peculiaridades da história do tempo presente é, justamente, a possibilidade de o conhecimento histórico ser confrontado pelo testemunho dos que viveram a época que se está a analisar (FICO, 2012, p. 45).

Para Ricoeur, no ato de testemunhar, existe uma fala que pede crédito:

Existe uma estrutura básica nos depoimentos que trilha um processo epistemológico a partir da memória declarativa, passando pelo arquivamento e culminando com a produção de prova documental. Sua estrutura fundamental é uma fala que relata algo visto e pede crédito: “Eu estava lá; acredite em mim ou não, acrescenta ele; e se não acredita em mim, pergunte a outrem”. (RICOEUR, 2004, p. 737)

⁴ Por efeito do *já-dito*, lembramos aqui que a ideia de testemunha está presente na constituição do discurso jornalístico televisivo, uma vez que o primeiro telejornal do país, o *Repórter Essô*, exibido pela *TV Tupi* entre 1952 e 1970, tinha como slogan “testemunha ocular da história”.

O mesmo autor, em outra obra (RICOEUR, 2014), afirma que o testemunho tem um sentido quase-empírico, ou seja, indica o relato de algum acontecimento que foi visto ou escutado por alguém. Dessa forma, o depoimento já é relatado em outras dimensões com um encadeamento de acontecimentos, que transfere o visto para o dito. O testemunho também implica sempre numa relação dual: há aquele que testemunha e aquele que recebe o testemunho. Apenas pela audição do relato, o interlocutor irá acreditar ou não naquilo que lhe chega sobre fatos. Para o autor, o relato testemunhal serviria como um instrumento a serviço de um julgamento, de um juízo. Ele valora os motivos de uma ação, o caráter de uma pessoa, em suma, atribui um sentido aos eventos.

Para Ricoeur (2004), embora o testemunho seja uma operação atribuída ao processo epistemológico da História, ele também é usado em outras áreas, como nos atos judiciais e no dia a dia. Assim, para não esgotar as possibilidades do testemunho, é preciso uma definição que respeite “seu potencial de empregos múltiplos” (RICOEUR, 2004, p. 170). Ainda segundo o autor, o testemunho obedece, por assim dizer, uma ordem moral, que reforça a credibilidade, com uma natureza muito próxima a de uma promessa, uma forma de garantia, em que a testemunha poderá vir a ser cobrada pela manutenção do seu ato a qualquer momento.

“A testemunha confiável é aquela que pode manter seu testemunho no tempo” (RICOEUR, 2004, p. 174). O depoimento testemunhal é um fator tácito de engajamento a um vínculo social, que envolve a confiança na palavra de outrem que “faz do mundo social um mundo intersubjetivamente compartilhado” (RICOEUR, 2004, p. 175). Temos, então, aqui, um discurso de uma testemunha em meio a diversos sujeitos falantes, igualmente capazes de construir uma versão que se quer que seja compreendida como “a” versão.

Entretanto, não podemos pensar numa articulação ingênua para empregar apenas o uso do testemunho numa operação que envolva a construção de memória e rememória, pois ainda assim poderia levantar suspeitas sobre a veracidade de fatos. Ao colocá-los todos juntos, num mesmo espaço, de “arena”, tem-se a imagem de uma possível contestação, de onde abre-se caminho para o debate público de ideias. A testemunha ganhará confiança do telespectador quando for capaz de manter, ao longo do tempo, sua versão sem contradições. O que se vê, então, é uma interface construída entre ser, ao mesmo tempo, autor da narrativa, personagem e testemunha, sem deixar de lado as interpelações histórico-ideológicas e as marcas da emissora, que fornece o

que poderíamos chamar de uma “emoção controlada” ou, em termos foucaultianos, “ritualizada”.

Ainda neste ritual de apresentação, é possível perceber algumas regularidades que evocam lembranças e memórias:

A regularização se apoia necessariamente sobre o reconhecimento do que é repetido. Esse reconhecimento é da ordem do formal, e constitui um outro jogo de força, este fundador (...). É preciso admitir esse jogo de força simbólico que se exerce no reconhecimento do mesmo e de sua repetição. Por outro lado, uma vez reconhecida essa repetição, é preciso supor que existem procedimentos para estabelecer deslocamento, comparação, relações contextuais. É nessa colocação em série dos contextos, não na produção das superfícies ou da frase tal como ela se dá, que vemos o exercício da regra. De outro modo, é engendrando, a partir do atestado discursivo, paráfrases, a considerar como derivações de possíveis em relação ao dado, que a regularização estrutura a ocorrência e seus segmentos, situando-os dentro de séries (ACHARD, 2007, p. 16).

Essa forma de repetição nos permite listar uma série de marcas do discurso e, assim, perceber mais facilmente suas regularidades. O enunciado se apresenta em seu “modo de ser singular (nem inteiramente linguístico, nem exclusivamente material)” (FOUCAULT, [1975] 1999, p. 98). Dessa forma, podemos colocá-lo na teia da história, que o constitui e ao mesmo tempo o determina. Nessa direção, o autor diz ainda que “tem sempre margens povoadas de outros enunciados” (FOUCAULT, [1975] 1999, p. 112), com o que faz estar sempre atravessado por uma memória que estabelece relações possíveis entre um acontecimento do passado numa nova perspectiva de futuro, mas longe de uma homogeneidade e estabilidade.

Os personagens na narrativa: o que é possível enunciar sobre o corpo?

Na apresentação de Bonner dos personagens, como forma de valorizar o caráter de testemunha e também de espontaneidade e emoção, os 16 jornalistas são mencionados e descritos um a um. Como se trata de uma descrição imagética, com a projeção de fotos antigas, o corpo é colocado como um dos pontos de descrição. Vejamos essas descrições, em busca de regularidades que se instituem no ritual narrativo da emissora para a série:

A) **Bonner:** De quando é isso, Luis Fernando?

Luis Fernando Silva Pinto: De quando eu devia *pesar uns 12 quilos*⁵.

⁵ Nos excertos a seguir, os grifos em itálico chamam a atenção para marcas nos dizeres sobre o corpo, o gênero e a origem.

Figura 2 – Apresentação de Luis Fernando Silva Pinto



Fonte: captura de tela feita pelo autor.

- B) **Bonner:** E temos também Tino Marcos... Olha que *franja bonita* ali.
Tino Marcos: Que fartura! Que saudade *dessa fartura!*

Figura 3 – Apresentação de Tino Marcos



Fonte: captura de tela feita pelo autor.

- C) **Bonner:** Pedro Bial, olha só, é você *magérrimo* ali, hein! **Pedro Bial:** Isso aí me parece 85...

Figura 4 – Apresentação de Pedro Bial



Fonte: captura de tela feita pelo autor.

- D) **Bonner:** Temos aqui Fátima Bernardes.
Fátima Bernardes: Olha, eu acho que estava *a caminho do cabeleireiro*, se não me engano (risos).

Figura 5 – Apresentação de Fátima Bernardes



Fonte: captura de tela feita pelo autor.

- E) **Bonner:** Paglia, você *não mudou nada*.
Paglia: Nada.
Bonner: A mesma pessoa.
Paglia: É praticamente a mesma pessoa.

Figura 6 – Apresentação de Ernesto Paglia



Fonte: captura de tela feita pelo autor.

- F) **Bonner:** E quem está aqui também é o Gaaalvão Bueno. Rapaz, que *cabelo*, Galvão, que beleza.
Galvão Bueno: Só sei que faz muito tempo.

Figura 7 – Apresentação de Galvão Bueno



Fonte: captura de tela feita pelo autor.

A partir desse recorte da apresentação dos jornalistas e da materialidade imagética, uma vez que as imagens mostradas no telão do cenário servem para as comparações, podemos pensar numa discussão do corpo discursivizado na narrativa.

Nessa vertente, acreditamos, com Foucault ([1975] 1999), que o corpo é um objeto de saber e “superfície de inscrição dos acontecimentos”, de articulação do corpo com a história e com a memória, uma vez que ele está constitutivamente ligado às relações de poder. Como Foucault ([1975] 1999) afirmou em *Vigiar e Punir*, o poder opera sobre o corpo, investe-o, marca-o, obriga-o e dele exige signos específicos. Já Bernardes e Sargentini (2017) afirmam que essa relação política com o corpo traz relações históricas:

O corpo do homem político tem sua importância como suporte desde a antiguidade. (...) Em todos os tempos, importa que o homem político saiba ser amado e, para tal, ele deve exercer a contenção do corpo físico, para que essa contenção se estenda ao corpo social. Entretanto, no final dos anos 70, as técnicas de vigilância do corpo do homem político se intensificaram e se especificaram. O controle dos gestos, a bemolização da voz, a polidez na fala são mudanças exigidas no processo de docilização do homem político e do fazer político. (BERNARDES; SARGENTINI, 2017, p 99-100)

Ao evocar a memória sobre o tempo em que estamos, podemos pensar as memórias como um ato de resistência, que nos liga uns aos outros pelas memórias de si e do outro. As imagens exibidas pela produção da série para a produção de sentidos reaparecem nos repórteres citados porque elas também estão engendradas em nossos anseios, ansiedades e o momento presente. Se considerarmos as relações entre as imagens apresentadas, trazidas pela força da memória histórica e pessoal, estamos colocando-as em uma teia de memória que foge ao acaso e a simples inquietação individual, como nos alertou Halbwachs (2004).

Na tentativa de reconstituir o fato mostrado nos telões, com jornalistas, magros, com cabelos longos ou cheios, nos colocaremos diante do outro, lugar determinado sócio-historicamente, que irremediavelmente nos é constitutivo. Acrescentem-se a isso as regularidades entre as memórias e perceberemos que o novo não está naquilo que é dito, mas no retorno à memória.

De certa forma, há uma recusa de cada um desses jornalistas em ver, reconhecer, aceitar o passado, num esforço quase inexato de uma memória flagrada, mas contestável e, assim, essa posição se funde e desliza para a memória sobre o fato histórico, sobre o País. Além disso, sempre há o olhar vigilante do Bonner (em todos os

fotogramas, ele está atrás ou ao lado do jornalista que se reconhece), que avalia como o outro era, como o outro se vê, que também desliza para a memória do País. Ele coloca-se sempre vigilante e autorizado pela *Globo*, para que as falas estejam de acordo ao clima proposto, o de quase uma brincadeira, não deslizando para outros assuntos. A imagem de Bonner, de autoridade, mais do que condutor das discussões, busca identificação com a sociedade. O discurso da juventude e a desqualificação do que é antigo e está envelhecido auxiliam a criá-la. É como olhar um álbum de família, notar as roupas, o corpo, o cabelo, a moda, os lugares.

Em todas as apresentações em que o corpo esteve presente no enunciado, quer seja do Bonner, ou do jornalista apresentado, trata-se de homens, com exceção de Fátima Bernardes, que, à época, era esposa de Bonner e faz uma brincadeira com o cabelo. O que está em jogo aí é um confronto entre lugares, relação entre gêneros, (des)autorizações e corpo como discurso.

Para interpretar e compreender esse discurso, como objeto simbólico e histórico que produz sentido, é preciso considerar a sua regularidade no jogo em que vai atuar e compreender o processo histórico e ideológico em que se deu a produção de acontecimentos. Recuperar um conjunto de saberes, em um discurso pré-construído sobre jornalismo de televisão, em que a imagem exerce um efeito sedutor sob o telespectador, permite-nos observar como se configura discursivamente a heterogeneidade de sentidos, mais do que isto, o atravessamento de um e de outro discurso que correspondem a uma posição-sujeito.

Nesse caso, os sentidos que emanam do discurso de mulher jornalista na televisão, que, pela imagem tradicional, deve ser magra, de cabelos lisos, maquiada e com roupas discretas e elegantes, são capazes de instaurar um efeito fundador da posição-sujeito em que o discurso (machista) se inscreve e evidencia as “regras” do que se pode e deve falar sobre o ser mulher.

Em outro trecho da apresentação, podemos perceber também mais regularidades, como a questão do pioneirismo, como ocorre com Sandra Passarinho e Orlando Moreira:

G) Bonner: E agora eu vou pedir, por favor, palmas para Sandra Passarinho. Essa é a nossa *pioneira*, que nos honra aqui com a presença, para visitar um pouco da história desses 50 anos de jornalismo da *Globo*. (*Aplausos*).

Sandra Passarinho: O tempo passou, né?

Figura 8 – Apresentação de Sandra Passarinho



Fonte: captura de tela feita pelo autor.

H) **Bonner:** Esse aqui, senhores e senhoras, é o Orlando Moreira. Pra ele, palmas também. Orlando é um *pioneiro*, como vocês estão vendo por essa imagem.

Orlando Moreira: Rio de Janeiro, mesma década dos 50 anos da *Globo*.

Figura 9 – Apresentação de Orlando Moreira



Fonte: captura de tela feita pelo autor.

Ao colocar os dois colegas jornalistas, em oposição a qualquer outro, na categoria de pioneiros, existem algumas tentativas de apagar diferenças, desigualdades e questões sociais como gênero, que marcaram a história da televisão. De uma certa forma, há uma escolha deliberada do diretor do projeto, no caso o próprio Bonner, de quem será considerado pioneiro. Assim, firma-se a estratégia de selecionar alguns nomes e sobrenomes para fazerem parte do rol que deu forma ao jornalismo de TV.

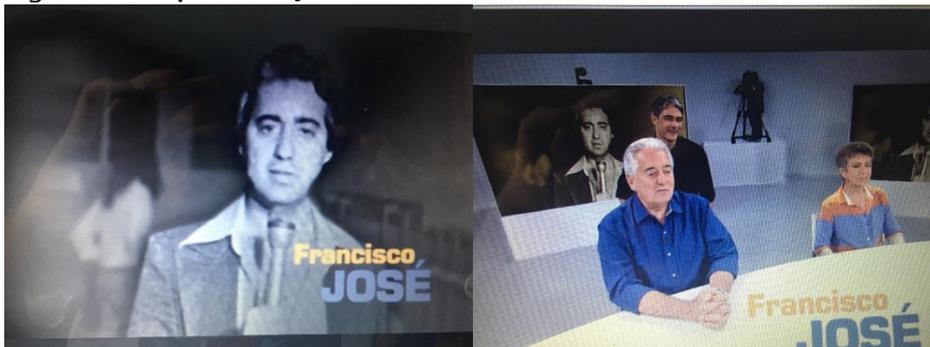
Podemos ainda refletir sobre essa categoria "pioneiros/as", sempre vaga e pouco referenciada, principalmente no que tange à figura feminina, representada no nosso recorte pela jornalista Sandra Passarinho. Historicamente e pelo pré-construído –

a nossa pioneira –, a mulher não se associa à imagem de bravura que a empreitada pioneira demandaria para ser, por exemplo, correspondente internacional e repórter especial, funções que a referida jornalista desempenhou, ainda nos anos 1970.

Para além das referências ao corpo e da constituição desse pioneirismo, Bonner utiliza os lugares de origem para apresentar os jornalistas, o que retoma o imaginário do *JN* como discurso de unidade, conforme descrevemos no primeiro capítulo. Lá estão presentes pessoas que vieram de diferentes regiões ou que estiveram em lugares distantes (caso dos correspondentes, já que a maioria dos que estavam na série desempenharam ou desempenham tal função):

- I) **Bonner:** A nossa voz, a nossa imagem no *Nordeste*, Francisco José.
Francisco José: Isso foi no início da minha carreira na *Globo* há mais de 35, 37 anos.

Figura 10 – Apresentação de Francisco José



Fonte: captura de tela feita pelo autor.

- J) **Bonner:** De *Roma*, direto para o estúdio do Projac, Ilze Scamparini!
Ilze Scamparini: Obrigada, Bonner.

Figura 11 – Apresentação de Ilze Scamparini



Fonte: captura de tela feita pelo autor.

- K) **Bonner:** Heraldo Pereira, que elegância...
Heraldo Pereira: Isso é *São Paulo*. É *São Paulo*, década de 80.

Figura 12 – Apresentação de Heraldo Pereira



Fonte: captura de tela feita pelo autor.

- L) **Bonner:** E aqui, finalmente, o *gaúcho de Santa Maria*, Marcelo Canelas.

Marcelo Canelas: Aí era bem no começo. Saí do *Rio Grande do Sul* e fui trabalhar em *Ribeirão Preto*, fim da década de 80.

Figura 13 – Apresentação de Marcelo Canelas



Fonte: captura de tela feita pelo autor.

No enunciado do âncora, que além de se dirigir ao jornalista apresentado, fala também com o telespectador, temos que considerar que seu texto tem um funcionamento que não só produz sentidos, mas também processos identificatórios, como nesse recorte no qual todos são identificados pelos seus lugares de origem. A série televisiva se sobrepõe como um importante dispositivo discursivo que cria uma história do presente, tensionando memória e apagamento num jogo de tensões. Esses processos de identificação dos lugares de origem dos jornalistas, mais do que uma forma de descrevê-los, retoma a ideia de unificação nacional que esteve, desde o início, no projeto político-ideológico da Ditadura Militar e, por consequência, do *JN*.

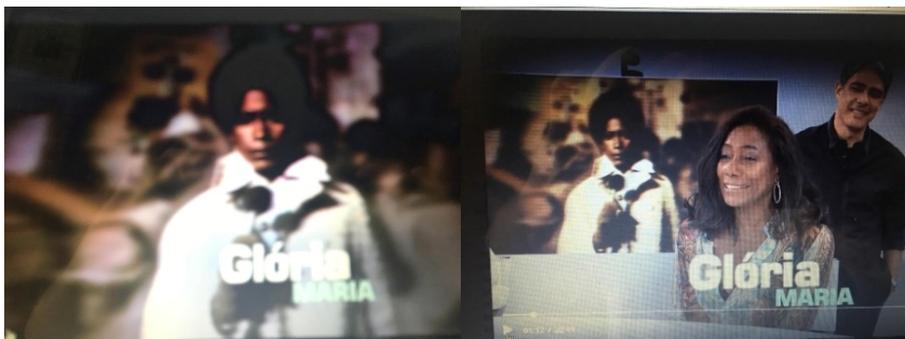
Outra questão que também pode ser percebida diz respeito ao lugar geográfico, as características e imagens que esse lugar de origem coloca sob a luz da memória e pré-construídos. As identificações e estigmas sociais são evocados pelas

apresentações da abertura da série, constituindo-se em dizeres proferidos ou silenciados, muitas vezes por meio de gestos ou olhares do próprio Bonner, como notável nos recortes anteriores.

Há um embate entre o poder dizer e o estar presente, caracterizando os jornalistas que ali estão. Pode-se dizer, por exemplo, a “nossa imagem do nordeste”, “a pioneira”, a que vem “direto de Roma”, mas, por outro lado, embora presentes, não se diz que há representantes de minorias raciais, “o negro” (Heraldo Pereira) e a “negra” (Glória Maria). Da mesma forma, diz-se que o peso aumentou (“quando eu devia pesar uns 12 quilos’), mas não se diz “o gordo”. Tampouco, há menções ao peso e à idade para mulheres. O uso de um corte abrupto nas falas faz parte das estratégias adotadas para o não dizer. Por outro lado, se observamos pelo viés do escape, sempre presente, tem-se aí uma contradição no que seria o discurso informal, aquele que circula entre amigos e familiares. Vê-se, portanto, que a espontaneidade e a informalidade são também forjadas e limitadas por diversas maneiras de interdição do discurso.

Nesse sentido, é relevante, por exemplo, a inserção de Glória Maria, como jornalista, mulher e negra que, desde os anos 1970, faz parte (e é assim lembrada pela série) da história da *Rede Globo*.

Figura 14 – Apresentação de Glória Maria



Fonte: captura de tela feita pelo autor.

Entre as questões colocadas em circulação, estão contemplados aspectos do corpo, das minorias raciais, mas, quando se trata da geografia, embora haja um esforço para se ter “a voz do nordeste” e haja a presença do “gaúcho de Santa Maria” e o Sudeste, há um apagamento do que seriam as “vozes” do Norte e Centro-Oeste, já que o *JN*, desde o início, tinha a pretensão de fazer a integração nacional. Apesar disso, coloca-se em evidência a Europa e os Estados Unidos, com representação dos correspondentes. Os repórteres que vêm do Sudeste não são apresentados por suas

origens, como se só os “diferentes” “nordestino e gaúcho” merecessem menção por sua origem. Há uma enunciação que tenta produzir sentido a partir das diferenças. No entanto, essas regularidades nos fazem pensar em que tipo de diversidade se é permitido enunciar.

Considerações Finais

A rememoração, que passa pela discursivização do corpo integrado à narrativa, é um agente articulador do confronto entre identidade, história e narração. E, se ela se insere nessa posição, também está sujeita à exclusão e ao apagamento. Para evocá-la, é preciso confronto e que este desencadeie um processo de imaginação, amparado por uma rede de lembranças para preenchimento das lacunas trazidas pelo testemunho dos jornalistas enunciadores.

É interessante pensar que, no processo de subjetivação, na apresentação dos jornalistas-testemunhas, podemos ver, de forma presente, as relações dos sujeitos, quer seja com si próprio ou com o exterior, tratando-se, de relações complementares, colocando-se na forma de o sujeito constituir-se na cena. Assim, esse sujeitos apresentam uma preocupação com os papéis sociais desempenhados.

Ora, dada a construção da transversalidade no enunciado da apresentação, conseguimos perceber a regularidade material, base para que o real suporte o imaginário. E o corpo não é sustentáculo para muita coisa, a não ser para também demonstrar as relações de resistência e poder.

Referências

ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido. In: ACHARD Pierre et al. **Papel da memória**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2007, p. 11-17

BERNARDES, Elizete de Souza; SARGENTINI, Vanice. O corpo no arquivo jurídico: uma análise discursiva sobre a prostituta. **Moara**, v. 1, p. 213-232, 2017.

CHAUÍ, Marilena. O discurso competente. In: CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 15-25.

FABBRI JÚNIOR, Duílio. “**Nós fizemos uma eleição...**”: regularidades e rememorações de erros pelas lentes da *Rede Globo*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de São Carlos, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/11701/Tese%20Du%c3%adlio%20FINAL.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01 abr. 2020.

FICO, Carlos. História do Tempo Presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis: o caso brasileiro. **Varia Historia**. Belo Horizonte, v. 28, n. 47, pp. 43- 59, jan/jun 2012.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. São Paulo: Loyola, 2004.

RICOEUR, Paul. **A história, a memória, o esquecimento**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

ROSEN, Jay. **Para além da objectividade**. Revista de Comunicação e Linguagens, n. 27, Lisboa, 2000, p. 27-38.

ABSTRACT:

The purpose of this article is to analyze the presentation ritual done by journalist-witnesses, who were part of the narrative of a 'special' series produced for celebrating *Rede Globo's* 50th anniversary, aired in *Jornal Nacional*, in April 2015. To achieve this goal, we use authors like Michel Foucault and Paul Ricoeur as our bases for discourse, ritual, memory and history. The intention is to reflect on a functional correlation between two fields of knowledge – Linguistics and History – aiming to analyze discursive-narrative practices, based on the production of meanings on the body of journalists. We will also investigate the subjectivity of the subject in their relations to themselves and/or to the world outside in the way they constitute themselves. The theoretical-methodological approach is discourse analysis. Reflections lead us to believe the body is nothing but resistance and power.

KEYWORDS: Rede Globo; series; Jornal Nacional; body; discourse.

RESUMEN:

El objetivo de este artículo es un análisis sobre el ritual de presentación de los periodistas testigo, que compusieron la narrativa de la serie «especial» en conmemoración a los 50 años de la *Red Globo*, en el *Jornal Nacional* (noticiero de amplitud nacional en Brasil), en abril del 2015. Para ello, usamos como autores a Michel Foucault y a Paul Ricoeur para bases de discurso, ritual, memoria e historia. La intención es la de reflexionar sobre una correlación funcional entre dos campos del conocimiento - Lingüística e Historia – para el análisis de prácticas discursivo-narrativas, teniendo como base la producción de sentidos sobre el cuerpo de los periodistas. También se investigará la subjetivación del sujeto en sus relaciones con sí mismo y/o con el exterior en la forma de construirse. El cuerpo teórico metodológico es el análisis de discurso. Las reflexiones llevan a creer que el cuerpo no es otra cosa a no ser resistencia y poder.

PALABRAS CLAVE: *Red Globo*; Serie; *Jornal Nacional*; Cuerpo; Discurso.